A maior tiragem de todos os semanarios portugueses

NUMERO 26 PREÇO AVULSO 1 ESCUDO 12 PAGINAS

O DOMINGO ilustrado

SEMANARIO
R. D. PEDRO V-18
TELF. 631-N. LISBOA

AGENTES EM
TODA A PROVINCIA
COLONIAS E BRAZIL

NOTICIAS & ACTUALIDADES GRAFICAS — TEATROS, SPORTS & AVENTURAS — CONSULTORIOS & UTILIDADES.

A horrivel tragedia da Azambuja

(Reconstituição rigorosa feita sobre todas as indicações de testemunhas presenciais.)

Foi a tragica nota da semana o terrivel desastre do canal da Azambuja. Nele morreram seis rapazes na flôr da vida, e entre os naufragos que foram catorze, encontrava-se o administrador de O *Domingo ilustrado* sr. Eduardo Gomes que a muito custo foi salvo pelo maritimo Bageiro, um heroi obscuro e humilde cuja dedicação e filantropia merecem o nosso respeito.

O DOMINGO ilustrado

ANO I — N.º 26

LISBOA 12 DE JULHO DE 1925

PROPRIEDADE DA EMPREZA O DOMINGO Ilustrado

REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS—R. D. Pedro V, 18—Tel. 631 N.—DIRECTORES: LEITÃO DE BARROS E MARTINS BARATA — EDITOR: LEITÃO DE BARROS—IMPRESSÃO—R. da Rosa, 99

écos

O grande desastre da Azambuja, que enlutou seis familias, foi a nota tragica da semana que findou. E—talvez uma novidade para o nosso leitor—ia-nos a tragedia tocando pela porta.

O nosso querido amigo Eduardo Gomes, administrador de «O Domingo ilustrado» e vice-tesoureiro do Banco Nacional Ultramarino foi um dos sinistrados da terrivel ocorrencia. «Sportsman» entusiasta da Associação Naval, o nosso amigo seguiu com os seus colegas d'aquela agremiação e foi um dos naufragos da Vala da Azambuja. Durante horriveis vinte minutos luctou, entre a vida e a morte, tendo finalmente conseguido depois da mais tragica odisseia, firmar-se na borda duma das embarcações que ocorreram ao local do terrivel sinistro.

Eduardo Gomes que sofreu uma violentissima comoção cerebral, e muitas contusões pelo corpo, encontra-se ainda de cama, e daqui o abraçamos com a maior emoção.

A grande tragedia foi pois particularmente sentida nesta casa, e é com o maior respeito pela cruciante dôr dos que ficaram, que ás familias enlutadas «O Domingo ilustrado» envia os seus sinceros pesames, tomando para si o luto que hoje tolda a vida amargurada daqueles a quem pertenciam esses pobres rapazes de vinte e tantos anos.

André Brun

Publicamos na cronica alegre uma scena da fantasia de André Brun «A Cidade onde a gente se aborrece.» Congratulamo-nos com o exito do novo trabalho do brilhante humorista, e nosso bom amigo cuja a carreira teatral é um triunfo pegado. «A revista de Praxedes» e a peça que agora se exibe no Eden são duas tentativas que saem fóra dos moldes da revista banal, e que portanto merecem e justificam o interesse enorme que tiveram da parte do publico. Parabens a André Brun e a Conceição e Silva.

Rememorando o passado. Antigos alunos

Como quer que andem agora em moda as festas de antigos alunos, pede-nos um numeroso grupo de antigos discipulos do Sr. Antonio Maria da Silva, no fabrico de bombas, hoje ministros e deputados, que comuniquemos aos seus colegas do saudoso curso, que terá lugar uma reunião dos mesmos, a que se seguirá uma missa por alma dos já falecidos e um jantar de confraternisação no antigo elevador da Biblioteca...

Protectores: a ironia de Abd-el-Krim

Abd-el-Krim, o famoso chefe marroquino, fez publicamente uma conferencia em Avdir na qual, com imensa ironia mais do que com odio, tratou os francezes e espanhois, apepinando e ridicularisando a sua atitude de pseudo-protectores que eles a si proprios distribuiram. Era esta, a ironia, a unica arma que faltava ao terrivel mouro no seu colossal exercito—e essa mesma mostrou ter.

DIMENSÕES

—Abraça-me, aperta-me nos teus braços.
—Oh! filha só tenho dois!

questão prévia

Porque tive um momento disponivel debrucei-me sôbre a cronica do ultimo «Domingo» e, á maneira de Narciso mirando-se na limpida corrente, puz-me a lêr a propria prosa. Mas o Narciso da mitologia foi mais feliz, porque se viu belo e para mim, desconsoladoramente, a coluna da cronica só reproduziu deformações incompreensiveis.

Certos periodos, algumas frases e bastantes palavras fizeram-me deter na leitura, á busca do sentido que pretendiam encerrar. Mas que queria aquilo dizer, justos ceus? A que vinham aquelas crianças que fazendo de velhos periodicos capas de asperges, se entretinham a brincar aos «beijos»? Como poderia eu ter escrito semelhantes barbarismos? Teria perdido a noite ou inconscientemente enveredara pelos tortuosos caminhos de qualquer dadaismo?

Aquilo, meus senhores, aquelas crianças a brincar aos «beijos» eram crianças a brincar aos bispos e todas as outras coisas incompreensiveis e disparatadas que esmaltavam e deformavam a cronica eram—colaboração da tipografia.

* *

Eu já estou suficientemente calejado para que me façam mossa as «gralhas» que debicam na minha prosa. Desde os catorze anos que elas são as minhas colaboradoras constantes e se não tive ainda, como Malherbe, a contribuição dum erro tipografico a alindar-me os versos ou a prosa, já todavia tive ensejo de lhes ficar devendo um inefavel prazer de ser muito festejado.

Educado ainda nos processos do naturalismo em arte, eu sou um pouco «bota de elastico» para a geração que se seguiu á minha e que tem por lema o horror á simplicidade plastica da expressão e o odio á gramatica, preferindo não se fazer entender pelos leitores a descer á ignominia de fazer concordar o sujeito com o predicado. Ora entre os cultores da prosa da nova geração um havia que me fazia o favor de se interessar pelos meus rabiscos e todo ele era lamentações e conselhos sobre a minha teimosia em persistir nas velhas ideias de estilo e gramatica:

—Ora Você, Fulano, com as suas qualidades, que podia dar um grande prosador impressionista...

Eu, modesto, córava—e persistia.

Uma tarde, o meu amigo conselheiro e admirador aborda-me no café e tendo na mão um jornal onde eu então cronicava diariamente, abraça-me entusiasmado:

—Bravo! Você decidiu-se seguir os meus conselhos!... Vem aqui um periodo, na sua cronica de hoje, que é já uma brilhante tentativa das novas formas!...

E mostrou aos outros este bocadinho de prosa: «Quim porta! Lutador a que Henrique, avido, se roça e basta como um antigo vêlo mudo?»

Em redor gostaram da imagem do lutador e do vêlo mudo. Eu ia a explicar que aquilo estava tudo «gralhádo» que o que eu escrevera fôra: «Que importa luto e dor a quem ri, se a vida se coça e gasta como um antigo veludo?»

Mas para quê? Os rapazes pareciam tão contentes com a minha adesão ás novas formas que não tive a coragem de os desiludir.

E para solenisar o meu descalçar de «botas de elastico», mandamos vir bebidas. Eu preferi cerveja. Eles quizeram leite, alguns até com cacau.

Má lingua

CARTA A UM RECEM-NASCIDO

Salvo erro, nas «partidas e chegadas»
—o mundanismo vale bem o «fundo»—
é que eu li, entre as nótas costumadas
que tu tinhas chegado... a este mundo.

Aqui me tens,—com que sinceridade!—
a desejar-te muito boa-vinda;
é um costume antigo em sociedade;
não poderás comprehendêl-o ainda.

De resto, embóra tu provavelmente
o não possas dizer, porque não fallas,
já estás aborrecido, descontente,
nem te apetece desfazer as mallas.

E tens razão... Eu que cheguei num anno
que já deixou de o ser ha vinte e cinco,
tambem vim, pódes crer, no mesmo engano,
cuidando achar a terra como um brinco;

posso pois traduzir esses queixumes,
que em lagriminhas tremulas resválam,
embora a decepção que assim resumes
adormeça talvez, quando te embalam.

Foi tempo! Não é hora de nascer.
Tu e eu chegámos tarde; é uma maçada.
Mas o peor é que temos de viver,
meu branco e pequenino camarada...

Tu, crescerás; é mau, no mar sem fundo
que a vida se tornou; presentemente
os grandes millionarios deste mundo
são com certeza os cinco reis de gente.

Porisso, como sinto sobre ti
a tremenda «vantagem» dos mais velhos,
ás boas vindas accrescento aqui
um pequeno rosario de conselhos.

Não apprendas a ler.—É uma invenção
que os homens teem posto muito em móda.
e que faz muito mal ao coração
porque põe a cabeça a andar á roda...

Sê ignorante:—A luz que se procura
nunca dá mais do que uma falsa auróra;
e ás vezes,—muitas vezes!—a ventura
vive á sombra do mal que a gente ignora.

Não ames.—E se acaso suspeitares
que em tal conselho um crime se resuma,
ama as cem mil mulheres que encontrares,
—longe da ideia de prender só uma.

Crê sempre, em Deus e em ti.—Nada te importe.
Só se é feliz numa cegueira imensa;
o sol da vida tinge-se de morte
quando se ergue a estrelinha da descrença.

Não sonhes nunca.—Ao nosso fragil barro
ficam mal umas azas desmedidas...
Faze do sonho o fumo de um cigarro,
e vê se o fumas sempre ás escondidas.

Eu sei. Os que te cercam hão-de achar
crueis estas palavras que te escrevo;
eles que vivem só para te olhar
no mais constante e fervoroso enlevo.

Vejo daqui a sua devoção...
A avó rezando a desfiar o terço,
o pae correndo a conquistar o pão,
a mãe sorrindo a embalar o berço...

Mas que esses não censurem o que eu digo
como uma exhortação de desalento;
a tua vida, hade viver comtigo,
o que en disser, hade leval-o o vento.

Não faças caso do que deixo escripto!
Palra, mamma, sorri, chóra... eu não estranho;
faria o mesmo se me fosse dicto
nos tempos em que tinha o teu tamanho.

TAÇO

comentarios

Provisoriamente

E' sabido que em Portugal o provisorio é um simbolo—é mesmo o nosso unico simbolo «definitivo». O que pode ainda oferecer alguma novidade é o arrojo com que esse simbolo é imposto. Acusada a Camara Municipal de estar a gastar dinheiro a mais com os pavimentos da baixa, logo ela veio a publico, toda abespinhada, declarar que estava mudando o pavimento do Rocio, porque o anterior era «provisorio»!.

Então isto de pôr pavimentos que custam milhares de contos, numa praça da extensão do Rocio, pode-se fazer «provisoriamente»?

Então gastam-se aqui ha dois anos, cerca de mil e oitocentos contos com as obras do Rocio, e agora toca a desmanchar tudo?

Qualquer dia casa-se provisoriamente, tem-se um filho provisoriamente, mata-se uma pessoa provisoriamente... Decididamente é preciso um bocado de audacia para supôr que toda uma cidade é cheia de idiotas e que o bom senso e a inteligencia estão apenas, pegados de estaca, nos gabinetes da Camara. Cebolorio!—como diria o Caracoles.

Corações ao alto! Grandes abatimentos nos electricos!

Merece realmente que a gente curve a espinha até ao umbigo o sacrificio verdadeiramente sacrosanto da Companhia Carris. Meio tostão, meus senhores, não foi lá qualquer coisa, baixou a Companhia em dez tostões! Sabido que a libra baixou 58 % que mais queriam os senhores que a companhia fizesse que baixar 5 %?

Um escandalo

Chega-nos a noticia de se haver dado na Faculdade de Letras, durante os exames de Estado, um verdadeiro escândalo a que emprestaram uma assistencia passiva pessoas que até aqui nos mereciam consideração. Vamos verificar como as coisas se passaram, na certeza de que nada nos impedirá de falar.

O azar dos representantes do Oriente

No outro dia o ministro da China na França foi assaltado por um de bolchevistas de rabicho que o obrigaram a assignar proclamações bolchevistas.

Agora é o embaixador do Japão em Moscou cujo o palacio tambem foi assaltado por bolchevistas que tudo lhe roubaram, até o vestuario, deixando-lhe só... a camisa.

... Vá lá que d'esta vez ainda lhe deixaram a camisa e a pele.

O sufragio feminino

Já é questão antiga a concessão de votos ás mulheres. Tem tido fases comicas, fases agitadas, e por vezes tem sido discutida e tratada com grave seriedade.

Pois não ha muitos dias que essa questão esteve para deitar abaixo o ministerio belga do partido catolico, porque os socialistas opunham-se decididamente a que o voto politico fosse concedido ás mulheres fóra das cidades.

Não deixa de ser interessante estarem os catolicos da «direita defendendo um principio liberal, cujos adversarios sejam os avançados socialistas.

NINHARIAS

—Você sabe, proibiram-me este ano os banhos, por causa da minha gota...
—Ora meu amigo, que tem uma gota a mais no oceano...

Recebemos e agradecemos os seguintes trabalhos a que, por falta da espaço, é impossivel fazer mais detida referencia.

«NEVOAS DA MADRUGADA» — versos de Arnaldo Bezerra de Azevedo.—Talvez porque a alma dos poetas tem sempre qualquer cousa de infantil, os primeiros versos são como os primeiros passos, cheios de hesitações, de quedas, de sobressaltos. Não admira, portanto que autor deste livro de «primeiros versos» dê aqui e ali, alguns passos em falso... Isto só prova que é um verdadeiro poeta.

«QUIMERAS ADOLESCENTES». — Quadras e sonetos) por Adão de Figueiredo.—E' um segundo livro de poesia, portanto, obra de maior responsabilidade. O autor não marca progressos, não está ainda senhor da técnica do verso e tem um gosto literario pouco educado. Precisa de travar intimas relações com um bom tratado de versificação e com os grandes liricos de todos os tempos que, na sua maioria, tambem forjáram as suas «quimeras adolescentes» ... Que esta idéa lhe sirva de estimulo.

«POBRES RIMAS»—por José Leitão de Figueiredo.—E' inegavel que estas rimas são pobres, como o autor confessa. São pobres por abusarem de palavras ricas, quasi novas-ricas. O resgate literário do autor está na ruina do seu vocabulário. E assim se prova que, com a melhor das intenções se pode desejar a ruina de alguem . . .

«ORAÇÃO AO SÚRYA»—versos de Mariano Gracias.—E' o excerpto dum poema indú. Uma calorosa hossana dirigida so Sol, ditada por um estro limpido e ardente, mas prejudicado, na sua revelação literária, pelo abuso de termos cuja significação é absolutamente desconhecida para quem não seja, como o sr. Gracia, um adorador de Krisna, Vishnú, Shiva ou Brâhma . . .

CARTILHA DE DOUTRINA FILOSOFICA —por Um Lusiada.—Uma boa intenção realisada com escassa felicidade. Tenho a impressão de que muita gente lê por esta cartilha, mas que poucos lerão a mesma cartilha . . .

«A SESTA»—peça de costumes ribatejanos, em 1 acto, por Faustino dos Reis Sousa—Um curto e movimentado episodio dramatico, que se lê com interesse e nos leva a fixar o nome do seu autor como o de alguem que só se não quizer é que não fará obra de teatro de maior fôlego e mais propicia ao desenvolvimento de tôdas as qualidades que «A Sesta» deixa adivinhar.

Receberam-se tambem dois livros de Silva Tavares — CONSUMATUM EST... e AGUAS PASSADAS — TORRE DE BELEZA,—valiosa serie de estudos literários firmados pelo nome ilustre de Fidelino de Figueiredo. Para se lhes poder dar o destaque merecido, é forçoso adiar as respectivas noticias críticas.

Tereza LEITÃO DE BARROS

NO PROXIMO NUMERO UMA NOVELA CURIOSISSIMA ABSOLUTAMENTE VERDADEIRA

Uma mulher por trespasse

ORDENS!

—Levante-se, não pode estar no chão!
—Olhe que o desgraçado teve uma congestão.
—E eu tenho que descongestionar a rua..

Crónica alegre

A Cidade onde a gente se aborrece

2.º ACTO—QUADRO 11.º

O TERREIRO DOS PÁSSAROS

O Bom Humor, tendo sido por uma revolução dos humoristas, encarregado de governar o país, reúne o seu conselho de ministros. Pela pasta dos Estrangeiros é proposta a naturalisação obrigatoria dos portuguezes estrangeiros». Tristão das Dôres, o outro compére da fantasia de André Brun, explica tratar-se dos nossos patricios, que, «por sua vontade estavam sempre a ir lá fóra». O Bom Humôr dá mostras de os querer conhecer e é introduzido um par de estretas.

O ESTETA *(Matos Reis) (entrando)* — E você, Vina, que tem feito por este miseravel burgo?

A ESTETA *(Alice Ogando)*—Tenho-me idiósincraciádo.

B. HUMOR—Que diz ela? *(Tristão faz gesto de não ter percebido).*

A ESTETA —Emquanto você desobstrucionava as suas meninges lá por fóra, o meu corpo vivia nesta piolhice... O que vale é que o meu espirito se libertacionáva.

O ESTETA—Foi ao Teatro Novo?

A ESTETA—Que Pires! Coitados! Não passam duns sandálias de trança. E você? Conte-me Paris.

O ESTETA — Maravilha! Pairei! Logo, na primeira noite, em Montpárnasse, introduziram-me...

TRISTÃO — O quê?

O ESTETA — Num cenáculo, como direi? pentagonal.

TRISTÃO — Ena!

O ESTETA — Vi a arqui-musa da Tcheco-slovaquia.

A ESTETA — A que dá recitais de campainha de porta?

O ESTETA — Exacto.

A ESTETA — Dizem que é duma intuição poliédrica.

O ESTETA — Não imagina, Vina. Senti tentações de agarrar aquela Tcheco-slovaca pelas gengives e beijar-lhe o encéfalo.

A ESTETA—O inverno passado em Berlim tive uma sensação semelhante com aquele bailarino russo que dançava com as sobrancêlhas. Ora como se chamava ele?

O ESTETA—Rinisky-Kossmki.

A ESTETA—Era assombroso. Quando ele num festival psico-coreografico interpretou o *Transporte Maritimo*, que perfume tinha aquela musica.

TRISTÃO—Talvez a maré estivesse a vasar.

A ESTETA—Ouvia-se o rugir das ameijoas, o soluçar das algas, o ultimo suspiro dos naufragos no mar alto. Ah! Não seria tão pentagonal; mas era dum positivismo spinósico, mecânico sim, mas espontâneo.

TRISTÃO — Ena!

B. HUMOR — Desculpem-me interrompê-los; mas estão falando uma lingua de que não entendo nada. Agora percebo porque lhe chamam portugueses estrangeiros.

O ESTETA — Sômos da super-élite, sômos escól.

TRISTÃO—O' escól semeai! O' escól semeai!

A ESTETA — Que remédio, nesta terra de cafres pintados de branco, senão reservar, por uma especie de adstringencia mental, as nossas sensibilidades andróginas. Não é verdade?

O ESTETA — Decerto. Que tem feito, Vina? Tem obrado?

A ESTETA — Pouco. A ambiencia é tão cacafonética. Tenho entre mãos *Pyperinól e Creolina*, um vitral missal, ogival e medieval.

TRISTÃO — Se calhar, pentagonal! Ena!

A ESTETA — Você que vai fazer?

O ESTETA — Não sei. Talvez para assassinar as horas, pinte em asfalto uma melodia hypodérmica que sinto aqui *(indica o alto da cabeça)* ou então talvez me decida a esculpir...

TRISTÃO — E' favor não esculpir para o chão que o jardim foi hoje encerado.

B. HUMOR — Mas então que fazem V. Ex.as em Portugal?

A ESTETA — Pairamos na hipocondria.

B. HUMOR—Não vão ao teatro?

O ESTETA—Para quê?

B. HUMOR—Não lêm?

A ESTETA—O quê?

B. HUMOR — Não buscam distraír-se?

O ESTETA —Com quê?

B. HUMOR—Muito agradecido.

TRISTÃO—Não ha de quê.

O ESTETA — Vamos, querida amiga! Sabe? Trouxe-lhe uma lembrança.

A ESTETA—Calculo! Deve ser estupefacciente.

O ESTETA—Uns cigarros de musgo, perfumados com duas partes de iodo, duas de cocaina e uma de óleo de figado de bacalhau. Basta fumar metade para se ter a sensação de cair d'um aeroplano á sexta-feira.

A ESTETA—Deve ser d'um sincrónismo metafórico, d'um impressionismo...

O ESTETA—Vertical, querida amiga, vertical. *(saem os dois).*

ANDRÉ BRUN

NA PRAIA ELEGANTE

—V. Ex.a não toma banho?
—Queria, queria, mas esqueceu-me de trazer sabão...

Sports

BAGEIRO

O HEROE DA TRAGEDIA DA AZAMBUJA

O terrivel desastre da Azambuja a que dedicamos a nossa primeira pagina emocionou profundamente todo o país e principalmente Lisboa, onde as

seis victimas eram conhecidissimas e estimadas. Muito se tem já dito sobre a catastofre que arrancou á vida seis rapazes plenos de saude e de esperança. Culpas se atribuem a uns e a outros, e inqueritos estão já ordenados. A' justiça compete averiguar e a nós, registar os factos e nada mais.

A antiga e prestigiosa Associação Naval sofreu um rude golpe que daqui deploramos e sentimos.

— entanto, tudo voltará á normalidade Noe só os seis corpos dos pobres rapazes não mais sobre as guigas do antigo club, mergulharão no mar tranquilo os seus remos vigorosos...

O tempo apaga tudo—até a propria morte.

* * *

Alberto Bageiro é um maritimo, creado á beira do rio, entre uma bucha de pão e a sardinha de caldeirada. Pé á vela, camisa sobre o dorso tostado, uma expressão dura, a alma forte o coração largo, generoso e bom. Alma de pescador—crente em Deus, instintivamente humanitario, foi ele o obscuro e humilde heroi da rapida tragedia.

Quando todos esitavam deante da scena horrivel—o seu coração ingenuo não soube pensar, e as suas mãos rudes estenderam-se como bençãos do ceu sobre os desgraçados que a morte ía conquistando.

Quatro vidas arrancou á tragica vala d'Azambuja, sem espalhafato, sem alardes, como quem cumpre serenamente um quotidiano dever. Quando já cançados de lutar—no mais feroz de todos os «strugglefor-life»—alguns rapazes apareceram á superficie, feridos da lucta que entre uns e outros se travara—foram os braços de Alberto Bageiro que encontraram para os amparar, para os sustentar por fim fóra do lodo e da morte traiçoeira.

Merece pois a nossa homenagem o barqueiro humilde do Ribatejo.

Que guarde este jornal como um triunfo merecido—para um dia o mostrar como exemplo a filhos se os tiver. E que fique, na galeria dos nossos herois da tragedia maritima, a figura modesta e apagada de Alberto Bageiro—barqueiro da vala da Azambuja, pé á vela, miudo e lesto, na cara essa expressão de poucos amigos—mas um grande coração por baixo da camisa pobre...

O NOSSO CONCURSO DE FOOT-BALL

QUEM SERÀ O VENCEDOR?

Continua despertando grande interesse entre os desportistas portuguezes, o nosso original concurso.

Consultando os votos entrados, constantámos que os jogadores mais votados são:

JÒRGE VIEIRA
FRANCISCO VIEIRA
ANTONIO PINHO
CEZAR DE MATOS

Mercê da absoluta falta de espaço não podemos publicar hoje os nomes dos votantes o que faremos na proxima semaua.

Recortar, preencher e enviar a esta redação o selo junto.

Qual é o jogador de foot-ball mais correto, cujas atitudes mais assombram pela elegancia, pela linha, pela audacia?

Eleito: ....

Eleitor: ....

Jogo das Damas

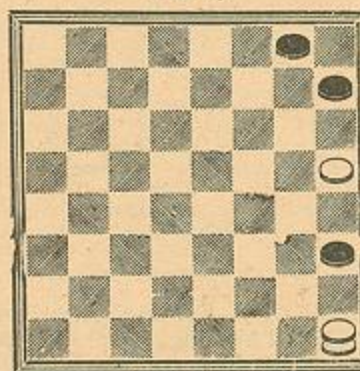
Solução do problema n.º 24

	Brancas	Pretas
1	4-8	11-4 (D)
2	14-17	4-18
3	6-9	13-6
4	28-32 (D)	22-13
5	32-23-9-2-16-30	31-27 (a)
6	30-26	27-24
7	12-16	20-11
8	5-9	13-6
9	21-25	29-22
10	26-13-2-20-31	

(a)

5		29-25
6	30-23	
	Ganha	

PROBLEMA N.º 25

Pretas 3 p.

Brancas 1 D e 1 p.

As brancas jogam e ganham. Subentende-se que as casas tracejadas são as brancas.

Resolveram o problema n.º 23 os srs.: Antonio Nené Junior, Barbas d'Albuquerque, José Brandão, J. do Carmo, (Porto) Leopoldo Sacramento, Dous aprendizes, Um aprendiz (Foz do Douro). outro aprendiz (Fa-Mi),

—

Toda a correspondencia relativa a esta secção, bem como as soluções dos problemas, devem ser enviadas para o «Domingo Ilustrado», *secção do Jogo ar s Damas*. Dirige a secção snr. João Eloy Nunes Gardozo.

O IV Salão de Automoveis

COMO ORGANISÀÇÃO UM FRACASS) — COMO DECORAÇÃO UMA VERGONHA

O IV Salão de Automoveis não é nada. Merecem-nos muita consideração os seus organisadores, muita simpatia e muito respeito á figura do sr. José Dias que preside ao Automovel Club de Portugal, mas a verdade é que o que se apresenta no Coliseu não é mais do que uma mal arrumada garage sem atrações nem ambiente.

Em primeiro lugar um certamen de importancia comercial dum salão de Automoveis tem que ser reclamado e organisado com muito tempo de antecedencia. Ha que fazer o que em todos os grandes salões lá de fóra se tem feito—fazêr-los construir antes de mais nada um grande centro de atrações e de recreio. Uma exposição—veja-se a das artes decorativas de Paris de 1925—tem sempre dois terços destinados a diversões, e um terço á exploração comercial propriamente dita. Dahi a colossal afluencia de visitantes. Isso, com as devidas relatividades se podia conseguir no nosso modesto IV Salão de Automoveis. dois ou três grandes numeros de music-hall bem organisados encheriam de visitantes o certamen. Sob o aspecto de arranjo decorativo, a decoração—que não sabemos a quem pertence—é francamente detestavel. Nem gosto, nem côr, nem alegria sequer. O mais pifio, o mais rosinhas de papel de arraial saloio que se possa imaginar, colchas apanhadas em estilo Rua da Palma, e tudo do mais pior, do mais reles de que ha memoria. E, valha a verdade, sem que ninguem nos encomendasse o sermão—tendo ali perto o Sr. Raul Lino, arquitecto de tão bom e comprovado gosto, porque diabo se não lembrou o Sr. José Lino, seu irmão, de lhe pedir ao menos o projecto, o esquisso geral da arranjo da sala?

* * *

Sob o aspecto tecnico o IV Salão tem dois, ou antes três triunfos marcantes. O Citröen, que mostra um modelo de coupé—«coupé» passe o «calembourg», e o Fiat que apresenta a ultima palavra de perfeição mecanica o 509, e em carro formidavel—o 519. O Bignan, uma marca de principes, apresenta uma maravilha de estilo.

E, pouco mais...

Aqui estão, leitor talvez as unicas impressões sinceras—que não foram pagos á linha que tu conseguirás ter lido do IV Salão de Automoveis...

Cinemas, teatros e circos

UMA CARTA

«Um actor desempregado» envia-nos com o pedido de publicação, a carta que a seguir publicamos. Não estando nos nossos costumes publicar artigos anonimos, abrimos porem d'esta vez uma excepção, dada a oportunidade do assunto tratado.

N. da R.

Caros colegas, socios da A. C. T. T.:

Triste epoca de verão para o nosso teatro, esta que vai correndo. Ha dois anos, ainda todos os teatros de Lisboa, exploravam com exito os mezes de verão, hoje embora estajamos ainda em principios de Julho, quantos actores e actrizes desempregados! E' a crise, dizem os que sem trabalho de um raciocinio simples não topam com qualquer outra razão! E' o publico que não tem dinheiro, os preços caros, os teatros onorados escandalosamente, afirmam os que não estão para ir mais longe nos seus estudos de analise! E emquanto na A. C. T. T. se joga o «bluff» e se cuida da maneira de fritar bifes mais gostosos ao paladar, a gente de teatro, conversa e lastima-se pelas mezas da «Chic» e, para resolver a questão de trabalho, intenta «raids» ás provincias, com espectaculos armados á pressa, sem a menor condição de viabilidade.

Em vez de juntando-se, procurar remediar o mal de teatro, mal que unicamente deriva da nossa incuria e desleixo, a gente de teatro, lastima-se, choraminga, clama contra a A. C. T. T. que não faz coisa de geito, sem se lembrar que a Associação é formada por actores e actrizes.

Porque não vai o publico aos teatros?! Porque fecharam o Teatro Novo, o Teatro Joaquim d'Almeida, o São Luiz, o Apolo é explorado por uma sociedade artistica que não pode ter longa vida, e outros não estão seguros de manter a epoca até ao fim?

Porque não vai o publico a certos teatros e enche o Maria Vitoria, e o Eden todas as noites? Se ha crise porque é que alguns teatros tem sempre casas cheias?

E' tempo de pôrmos as coisas nos seus logares. A crise do teatro portuguez não é mais que uma crise de direcção.

Tanta trapalhice se fez, tanto gato por lebre se vendeu, tanto se aborreceu o publico, o mais teatreiro do mundo(!) que hoje, só um espectaculo inteligentemente dirigido, só um teatro habilmente administrado artistica e tecnicamente consegue ter algum na plateia.

O publico, muito justamente, cançou-se de ser ludibriado, enganado no seu prazer predilecto.

Foram as más direcções, os maus elencos, as peças arranjadas a «lá diable» que estragaram o publico, que tornaram possivel a chamada crise. Foram as más administrações que impuseram actores e actrizes á força, artistas que hoje, mercê dos interesses creados, são escolhos tremendos que as empresas não podem ivitar, e que por vezes, são a causa principal de um fracasso.

Foram as más direcções artisticas que semearam na classe teatral a indisciplina que hoje voga a todo o pano, tornando impossivel a harmonia de um conjuncto, o cumprimento dos deveres absolutamente necessarios á vida da scena.

Não é novidade para ninguem o que escrevo. Todos, individualmente, sentimos a verdade d'estas afirmações, simplesmente em vez de procurar-mos debelar o mal, em vez de ir-mos para a A. C. T. T., tratar o que nos interessa, continuamos a lamentar a nossa sorte e a dizer mal dos outros...

Um actor desempregado

o momento teatral

Ernesto Rodrigues, Felix Bermudes e João Bastos formam hoje o mais forte baluarte do nosso teatro alegre. De uma tecnica superior, raramente egualada por outros auctores, as suas peças, podem sem exagero, ser consideradas como modelares. De uma fecundidade pasmosa, teem espalhado pelos nossos palcos um sem numero de peças de todos os generos provando assim que sabem fazer obras teatraes. Disputados pelas emprezas, os unicos auctores alegres que o publico espera anciosamente ver representados, são hoje a maior força da Sociedade de Escritores Teatraes e com justo orgulho da scena portugueza,

A sua nova obra O Leão da Estrela *ainda não estreiada á data em que escrevemos vai concerteza revigorar as nossas opiniões sobre estes tres auctores tão gostosamente queridos do publico.*

Para os nossos pobres

Transporte	14$00
De «Carlos» (consultante da «Dama Errante»)	4$00
«Adoro um Luiz» (idem)	4$00
Jorge Luiz de Castro Ferreira .	4$00
A transportar	26$00

Maria Victoria

A peça de actualidade, tão queria do publico, «Rataplan» com Laura Costa, a encantadora divette em muitos novos e sempre repetidos.

cá por dentro

—Parece que Santos Carvalho fará parte do elenco do Eden, na futura epoca de inverno.

—Estevam Amarante inangura a epoca de inverno no Avenida no proximo mez de Outubro.

—E' provavel que Clemente Pinto não faça parte da futura epoca do Nacional.

—Pelo actor Gil Ferreira foi comprada a peça franceza «Banco» que será explorada no teatro do Ginasio.

—Parece que Nascimento Fernandes fará parte do elenco de um teatro que foi alugado por uma empreza recentemente constituida e que tenciona explorar o genero revista.

CINEMAS

OS FILMS DA SEMANA

OS HEROIS DA RUA—Soberbo film de empolgante entrecho e da maior beleza de imagens e grandes originalidades de encenação. Tragedia de humildes, leivada de riso e de prantos, que comove profundamente. Interpretação estupenda do grande actorsinho Wesley Barry e da linda Marie Prévost.

AS PEROLAS DO DOUTOR TALMADGE—Film policial de lances empolgantes a que a técnica nem sempre corresponde. Interpretação muito teatral e correntia. Boas fotografias.

IMORTALIDADE DAS ALMAS—Grande mixorufada em alguns actos e mais pretensões ainda. Mau, mau, mau cinema francez.

A CANÇÃO DA ORFÃ—Série de Xavier de Montepin, enfermando de todas as incongruencias do festejado romacista mas beneficiando tambem das suas reoes qualidades inventivas! A técnica deste film é bastante boa e sobretudo adequada ao espirito da obra. Interpretação excelente de Camile Bardou e da pequenita Regine Dumien. Os outras são de segunda ordem.

UM SEDUCTOR—Fita corrente, muito corrente mesmo mas com alguns lances bastante empolgantes dentro do inverosimil.

VIVA EL REI!!—A melhor producção de Jackie Coogan, faustuosa, brilhante, deliciando pela beleza do entrecho e pela emoção verdadeira dos episodios politicos em que é enquadrado. Um «caste» notabilissimo e em evidencia absoluta o talento vehemente, variado, delicadissimo do «garoto de Charlot». Quem não viu «Viva El-rei»! não pode reconher a verdade do genio historico de Jackie Coogan.

GROOM N.º 13—Bela comedia, belo entrecho, bela enscenação de Tos H. Juca. Douglas Mac Leau á altura dos seus creditos. Um bom film.

BARRANCO DA MORTE—Film de aventuras rocambolescas que prova que nem só os americanos fabricam espantosas incongruencias neste capitulo. E' um film que só serve para mostrar Albertini aos saltos e a força do atleta italiano que interpretou «A Ponte dos Suspiros».

* *

O nivel dos programas em exhibição subiu incontestavelmente. E' bom que assim fosse e orgulhamo-nos de para isso ter-mos talvez contribuido um pouco. Ainda bem.

ÉCRAN

S. Carlos — Fechado temporariamente.

S. Luiz — Em preparação: espectaculos de comedia por sessões, com Gil Ferreira.

Salão Foz — As maiores atrações de Music-Hall.

Avenida — «A Mulher Fatal» de Porto-Riche, com Ester e Clemante.

Politeama — Brevemente o Leão da Estrela da Parcerlia, com Chaby.

Eden — Admiravel espectaculo. A grande revista de André Brun. «A cidade onde a gente se aborrece.»

Nacional — Grande companhia, «Tio de Minh'alma» com José Ricardo e Ilda Stichini.

Apolo — «A Severa» de Julio Dantas com Emilia Fernandes.

UMA NOVELA DE AVENTURAS COMPLETA

OS GRITOS DA COSTA DO CASTELO

Interesse e emoção. Base verdadeira. Tragedia intima d'uma alma torturada. Lê-se rapidamente, de um fôlego.

O agente Vasques dobrou vagarosamente o jornal e, num sorriso superior, comentou:

—Já não ha policias! Hoje vive-se da denuncia! Vejam vocês! Este caso não vale um pataco, pois se não aparecer alguem a dizer onde se encontra o ladrão, o homem gosará de liberdade até morrer! No meu tempo...

—Ora, amigo Vasques! Deixe-se d'isso! No seu tempo havia o mesmo que ha hoje!—e o Dr. Freitas acendeu um cigarro—A policia, entre nós foi sempre incompetente!

—Não é tanto assim, sr. doutor! Lembre-se do chefe Jacob, do agente Fagulha... e, se não fosse por imodestia...

—Homem! Tem você algum caso complicado?

—O caso da mulher da Costa do Castelo...

—Conte! Conte lá isso!

—Eu conto, senhor doutor!—e o Vasques encostando-se bem á cadeira, principiou:

* * *

—N'aquela noite acompanhei o homem que já tinha ido varias vezes á esquadra do Pateo de D. Fradique. Queria ouvir eu proprio os taes gritos de socorro que da meia noite á uma, soavam na tal casa extranha da Costa do Castelo, proximo do Convento das Recolhidas, ao Largo da Achada. O sujeito mostrou-me a esquina onde pela primeira vez ouviu os gritos e apontou-me as janelas do unico andar do predio.

—Deve ser de ali!—disse ele.

—Está certo d'isso?

—Certo não estou! O que sei dizer é que quando volto do serão, oiço uns gritos de mulher pedindo socorro, que me parece partirem d'ali!

—E diz você que é da meia noite...

—A' uma! E' meia noite e um quarto—disse ele vendo o relogio—Só se hoje...

—A policia! Gritaram aqui por socorro!

Não acabou a fraze. Uma voz de mulher, aguda e lancinante gritou por duas vezes.

—Ouve?—disse o homem—Não lhe parece que é de ali!?

—Efectivamente!—e de novo a voz de mulher gritou por socorro aflictivamente.—Nada! Tenho que intervir! —e tomando rapidamente uma resolução fui bater á porta do predio donde julgava partirem os gritos. Bati segunda vez, bati de novo, e já me dispunha a ir pedir auxilo afim de arrombar a porta, quando se abriu uma janela do primeiro andar e apareceu um sujeito de edade, preguntando ancioso:

—Quem é?

—A policia!—respondi—Gritaram aqui por socorro.

—Aqui?—respondeu o sujeito—Nada! D'aqui não foi!

Insisti, ameacei-o se não me abrisse imediatamente a porta.

—N'esse caso suba! Estou no meu direito de não lhe abrir a porta mas quero que se convença que não foi d'aqui!

Um minuto depois achei-me no patamar, em frente do sujeito:

—Quer revistar a casa/? Faz favor de entrar! Eu sou o doutor Luciano Mendes, do Hospital de São José!

O nome era conhecido. Aventei uma desculpa:

—V. Ex.ª perdoa, mas como ouvi um grito de socorro que supunha partir d'aqui!

—D'aqui! Mas meu caro senhor/ Aqui apenas moro eu... e este cão! —e apontou um Terra Nova que me farejava—Tenho uma creada que não fica cá de noite!

—Mas...

—Não seria ilusão?

—Mas não ha aqui outro predio...

* * *

Eu tinha ouvido pelos meus proprios ouvidos. Ainda pensando no caso no meu gabinete do Governo Civil, parecia-me ouvir a voz de mulher, voz de angustia e de terror, clamando aflictivamente por socorro! Mas era certo que por ali não havia outra moradia, e o predio só tinha aquele andar! Indaguei no Hospital da vida do Dr. Luciano Mendes. Vivia só. Casára em tempos com uma das mais lindas mulheres de Lisboa, mas um dia, ela trocara-o por um cavaleiro tauromaquico que n'esse tempo gosava de grande fama e fugira não se sabia para onde. O Dr. Luciano d'esde essa data, tornara-se de poucas falas. Lecionava na Escola Medica, tinha as suas enfermarias no Hospital e, fóra do serviço, ninguem lhe arrancava uma unica palavra.

Mas aqueles gritos!? Gritos que eu ainda ouvia!? E n'uma noite...

* * *

Meia noite e meia hora. Recolhido na sombra, não perdia de vista as janelas do predio, sem restea de luz. A lua, encoberta por nuvens negras de chuva, ajudava aquela espionagem que já durava meia hora. De repente, uma das cortinas da janela foi afastada lentamente. Escondi-me mais. Depois, mansamente, sem ruido, abriu-se a vidraça e o Dr. Luciano apareceu espreitando a medo. Encostou o peito á varanda e olhou a rua em todos sentidos. Retirou-se fechou, de novo a janela com precaução, e tudo ficou na mesma mudez. Ia de certo acontecer qualquer coisa e o Dr. não era tão inocente como parecia.

Concentrei o ouvido e, d'ahi a cinco minutos estremeci sem querer! Um grito medonho de terror, o mesmo da vespera, sacudiu-me violentamente. Corri para a porta e bati violentamente, Depois com um empurrão violento fiz. saltar a fechadura e galgando a escada dei com a coronha do meu revolver na porta. Senti passos e o doutor apareceu um tanto desalinhado. Gritei-lhe que dessa vez não me enganava e entrei de revolver em punho. Tirei-lhe das mãos o candieiro e percorri rapidamente toda a casa! Nada encontrei! Abri todos os armarios, malas, nada! Fitei o doutor Luciano que sentado n'uma poltrona me olhava de mau modo.

—V. Ex.ª tem aqui qualquer coisa!

—Tenho!—disse ele—Tenho uma folha de papel onde vou fazer uma queixa do senhor ao chefe da policia!

—Mas...

—Queira sahir!

* * *

—Não podia ser! Quasi chegava a duvidar de mim! O Doutor Luciano Mendes tinha qualquer segredo que era preciso desvendar! Deixei passar trez dias e n'uma quarta-feira, sabendo que o Doutor estava no Banco do Hospital até ás onze horas, resolvi tirar o caso a limpo.

A's dez e meia, abri com uma gazua a porta do predio. Depois a do andar e tendo-me escondido a traz de um sofá, esperei.

A's onze e meia o Doutor Luciano entrou. Esteve talvez um quarto de hora escrevendo á secretaria e depois vendo o relogio, apagou a luz e foi espreitar á janela. Abriu-a, inspecionou a rua e voltou-se para dentro. Por dois minutos apenas ouvi o ruido de qualquer coira metalica em que o Dr. mexia. Subitamente uma luz apareceu. Era uma lanterna electrica que ele segurava na mão. Eu, sustendo a respiração, não perdia um unico movimento.

Levantou a carpette, procurou qualquer coisa com o jacto luminoso da lampada, e puxou por uma pequena argola, abrindo lentamente um alçapão. Quasi ia dando um grito de alegria! Por certo não me enganava nos meus pensamentos!

—Está prêso!

O Dr. desceu alguns degraus e desapareceu á minha vista. Da abertura do alçapão vinha uma tenue claridade. Lentamente, evitando o menor ruido fui-me arrastando e escutei. Ouvi distintamente os soluços de uma mulher e a voz do Dr. Luciano que, entre risadas segredava:

—Estavas á minha espera, não é verdade?! Descança que eu não me esqueço de ti!

Olhei mas nada vi! O subterraneo era grande com certeza. Arrisquei um pé no primeiro degrau e um grito, o grito de sempre, lancinante, cheio de terror e odio, envolveu-me. Quasi ia tropeçando quando coloquei outro pé com a precaução que me foi possivel. Um novo grito mais forte que o primeiro, sacudiu-me os nervos! Baixei a cabeça e... o que eu vi! o que eu vi!...

* * *

O subterrano era um deposito de moveis velhos e fóra de uzo. A lanterna frouxamente iluminava aquela quadra de sombras. Havia um cheiro a bafio que dava nauseas.

Por toda a parte moveis partidos, caixotes e, junto a uma parede, uma cama de ferro só com um enxergão esburacado. E, meu amigo, aos pés da cama, inclinada sobre os ferros horizontaes, uma mulher nua da cintura para cima, amarrada, de cabelos cahidos. Em frente, o Dr. Luciano Mendes, com um brilho extranho nos olhos, a boca aberta n'um sorriso de idiota, n'uma

(Continua na pagina 9)

UMA NOVELA SENTIMENTAL COMPLETA

A MULHER QUE MATOU POR CAPRICHO

Historieta simples onde passa todo o amargor de um caso autentico. Principie a lêr e verá que só pára no fim.

—JÁ estás aborrecida de mim, é que é!—e João sentia que algumas lagrimas lhe bailavam nos olhos—Servi-te apena s de passatempo, de divertimento, fui sómente um detalhe sem importancia na tua vida!

—Não, não é isso, João! Gosto de ti mas... não sei, não sei explicar-te! Gosto muito dos teus beijos, sinto-me bem nos teus braços, o calor da tua pele agrada-me, mas... que queres? eu sou um temperamento extranho, desiquilibrado! Tenho momentos em que desejaria ser extraordinariamente perversa, mentir, abrir chagas crueis da alma dos que me são caros! Serei uma anormal, mas sou assim, que queres?

—Mas casaste com ele...

Amo-te é certo, mas a necessidade de te atraiçoar é impiedosa!...

—Pobre de ti!

—Dizes bem, João! Pobre de mim! Olha, a historia do meu casamento é estupidamente banal. Queres saber? Nunca gostei de meu marido! Oh! Não duvides! Não sei porquê quiz pertencer-lhe, ser sua esposa! Eu mal o conhecia, ele era um pobre empregado de uma casa de moveis! Eu era galante, simpatica! Contra a vontade de toda a minha familia, fugi para ele, fui sua como podia ser de outro qualquer! Sem paixão, sem desejo! Talvez tudo isto te parece extranho, mas foi assim!

—Mas casaste com ele!

—Minha mãe quiz assim tapar o caminho que o meu temperamento pretendia! Em vão! Um ano depois, enganei-o... sem saber porquê; pela mesma razão que te engano a ti, e aos outros, e a todos! Não sei! Não sei! Sou uma anormal!—e Ester ficou-se a olhar um quadro da saleta, alheadamente, o pensamento muito longe, perdida. João, levantou-se lentamente e veio até junto d'ela; meigamente pousou-lhe a mão pelos cabelos negros.

—Minha pobre Ester! Podesse eu adivinhar-te! Podesses tu ver a minha alma que tornaste tão desgraçada com essa tua maneira de ser! Porque eu amo-te Ester! A's vezes, quando já de madrugada, comungas nas minhas tenções de regeneração, partilhas comigo a aspiração de uma vida quieta e feliz, simples e terna, como a alegria me baila cá dentro contente! Mas depois, veem os teus caprichos de sempre, as tuas inconstancias e... é impossivel meu amor! As horas crueis que me tens feito passar! O que eu tenho sofrido!

—Meu João!—e Ester, a inconsciente, a que se deixava arrastar por um momento de ancia nova, de sensação ainda não sentia, fitou-o muito, n'uma grande vontade de querer, n'uma sofrega aspiração de ser bôa.—Mas eu adoro-te! Sabes lá as noites quê passo quando não te vejo! Horas de infinita amargura, julgo ver-te em todos os vultos que vejo apontar ao fim da rua! E se não vens!? Oh! como eu sofro e como eu te amo n'essas horas malditas! N'aqueles momentos morreria por ti, se o quizesses, deixaria que me cortassem aos pedaços só para te ver ali ao meu lado! Mas, se vens, se não tenho que arquitetar mil conjecturas, se te vejo a meu lado, amoroso e olhando muito os meus olhos... não sei... aborreces-me! Per-dôa! Mas é verdade: E por isso ... esqueço-me de ti, outros olhos me fitam, outras bocas me inspiram cuidados!...

* * *

João sofria muito. O fatalismo d'aquela mulher, tinha-o dominado, absorvido nas suas garras de crime nefasto!

E, sentindo bem a cobardia do seu amor, vergádo ao peso d'um raciocinio cruel e implacavel, olhando-se como a um ser desprezivel, indigno de pena, chorava em silencio, sem forças para se afastar d'aqueles olhos que o perturbavam, d'aquela boca que lhe mentia em cada beijo, d'aqueles braços que não sentia vibrar para si.

Muitas vezes tentou evadir-se áquela obsessão. Planeou detalhados projectos de fuga, concateneava razões para se dar forças, mas... a voz d'ela, quente e sensual, mentindo sempre, queimava-lhe todas as tenções, desfazia com um sorriso, todas as suas pretensões de querer ser honesto e livre.

* * *

—Mas dize João, pelas almas te peço! Jura-me que não me atraiçoáste! Jura-me que só a mim queres! Olha, volta para casa! Eu prometo ter muito juizo! Viverei só para ti! Não torno a ser-te infiel! Vem para casa João! Olha, se soubesses! Não tenho comido nada! Hontem deitei tanto sangue! A minha mãe tambem está tão triste! Vem para casa João! Vê, como eu sofro—e Ester chorava convulsivamente, apertando com força o braço de João.

Alguns passeantes, ficaram-se a olhar, curiosos d'aquela scena. Ela pretendia arrastal-o com brandura, e João, o coração pulsando de amargura, procurava deter o olhar no brilho forte dos arcos voltaicos que iluminavam a fachada do «Chiado-Terrasse».

Ela puxando-lhe as mãos carinhosamente:

—Vem para casa João! Juro-te! Nunca mais te farei senas! Serei tua, só tua, inteiramente tua! Vem! Por alma de tua mãe!

—Ester!

—Vem para casa! Juro-te que farei tudo pela tua felicidade! Vem!

—Irei!

—Vens!? Vens já?!

—Não! Irei á meia noite!

—E se não vaes! Eu morro, João!

—Irei! Juro-te!

* * *

Quando João saía do Instituto de Medicina Legal onde dera a sua lição de anatomia do terceiro ano, Ester esperava-o junto do gradeamento de São Lazaro.

—Meu amor!—disse ela—Que saudades tinha de te vêr!

—Meu amor!

E os dois, muito amigos, muito chegados, ele aspirando-lhe o halito quente e amoroso, ela olhando-o muito nos olhos, a querer ver-lhe a alma, fôram até «Moraes Soares», para o rez-do-chão cheio de sol, onde o seu amor cantava contente num hino de festa.

* * *

—A Ester saiu!

—Para onde?—perguntou João surprezo.

—Sei lá!—e Dona Emilia, chineleou para a cosinha de mau modo—Vieram aí uns fulanos buscá-la de automovel.

—E ela foi?

—Pudera. Já hontem veiu para casa ás cinco da manhã. Não sei ond aquela rapariga vae parar.

* * *

João não podia sofrer mais, Ester novamente se esquecêra de todos os seus prometimentos. Andava agora com uma tal Olivia por casas suspeitas e, para cumulo, os amigos de João vinham dizer-lhe que ela o apontava como causa daquela vergonha.

A' noticia circunstanciada de tanta infamia, João tomou mais uma vez a resolução de se afastar para sempre daquela mulher perversa.

Mas... quando as horas passaram sem que ela viesse, quando sentiu que o seu orgulho ia mais uma vez tombar desfeito deante dos braços dela, tomou o chapeu e, resolutamente saiu.

No Instituto, os empregados preparavam os corpos e os aparelhos de autopsia para a lição. João vestiu a bata, segredou uns fracos bons dias ao preparador e entrou no anfiteatro.

Naquele dia estudava-se os efeitos nefastos de uma horrivel doença: o tétano. João esteve largo tempo sem dizer palavra olhando o corpo gelado sobre a meza anatomica. Depois resolutamente, tomou uma pequena seringa de vidro e...

* * *

Ester, de luto carregado, olhos vermelhos de lagrimas, voltou-se para o desconhecido que a seguia.

—Dá-me licença que a acompanhe?

—Pois não!...

—Se a não comprometo...

—Ora essa...

—Está de luto?

—Estou... por simpatia! Foi um rapaz que se matou ha oito dias por minha causa.

...tomou uma pequena seringa de vidro e...

—Coitado!...

—Mas deixemos isso! Dizia você que eu não lhe era indiferente....

—E é verdade!...

—Pois eu tambem o acho simpatico, creia...

JOÃO FALEIRO

BARREIRA DE SOMBRA

CRONICAS TAUROMAQUICAS

CAMPO PEQUENO

A corrida noturna de sabado, no Campo Pequeno, não deixou más impressões, sendo rigorosamente cumprido o seu extenso programa que constou de toureio a cavalo e a pé, apresentação de um novilheiro de 12 anos, concurso de pegadores, exposição do touro «Fachadas», ferra de novilhos, além de um numero que não estava no referido programa, como fosse a noute fria e bastante ventosa, que não permitiu uma enchente como se esperava, sendo contudo bastante concorrida—cerca de tres quartos de lotação.

Os touros da ganaderia J. Segurado, de bonita apresentação e não inferior bravura, á excepção do saído em 5.º logar, e farpeado por José Casimiro, proporcionaram boa lide a todos os artistas que, sem distinção, não fizeram má figuram.

O novilheiro de 12 anos, muito valente e bastante frenetico, executou uma brilhante faena de capote e muleta que a assistencia aplaudiu, prometendo vir a ser alguma cousa de futuro.

Os pegadores na ancia de disputarem o «bolo» na totalidade de cinco mil escudos, sairam das regras e fizeram cousas que a benevolencia do juri perdoou, porque não houve uma unica pega que satisfizesse.

A ferra de novilhos recheada de peripecias engraçadas, proprias do acto, promoveu uma hora de constante risota, sendo notada a falta de escrupulo na ferra de um novilho marreco que, segundo consta, está destinado a um espada corcunda que o emprezario Segurado irá desencantar seja onde fôr...

Na vila da Moita

De passagem pela Moita, fui no domingo surpreendido por uma manada de touros que «tranquilamente» passeava pelas ruas d'aquela vila, em obediencia a velhas tradições e que os moitenses muito apreciam, sendo talvez um dos seus maiores divertimentos, o tresmalho dos touros em dias de corrida.

Ás onze horas, debaixo de um sol ardente, andavam em correria e armados de varapaus, os pimpões da terra, homens, mulheres e rapazes, de permeio com os touros e cabrestos, até que ás quinze horas deu entrada na praça o cortejo de aficionados a pé e a cavalo, á frente do lindo curro que duas horas depois devia ser lidado por artistas de primeira categoria.

Rapidamente foram os touros recolhidos e embolados e á hora anunciada abriu praça a primeira rêz para o cavaleiro João Branco Nuncio que executou um excelente trabalho coroado de aplausos por toda a assistencia, que ocupava tres quartos de lotação.

No quinto touro, lidado por este cavaleiro, as ovações tocaram as raias do delirio. Depois de quatro bons ferros compridos, cravou dois soberbos pares de bandarilhas que lhe valeram uma chamada especial ao redor da arena.

O espada-novilheiro, Angel de Navas, «Gallito de Zafra», lidou dois touros em hastes limpas, sendo um d'estes de parceria com Alfredo dos Santos, executando ambos um trabalho digno dos aplausos que conquistaram.

«Gallito de Zafra», que pela primeira vez toureou em Portugal, tem muito valor com o capote e muleta e é muito trabalhador, não ficando mesmo além de muitos espadas de grande cartel que teem vindo á primeira praça do país.

Dois grupos de forcados executaram algumas pegas de pouco efeito.

A direcção da lide a cargo de Feliciano de Amaral, com muitos protestos, alguns justificados, desagradou, podendo a corrida ter sido muito melhor se a orientação do seu director fosse outra muito diferente d'aquela que Feliciano de Amaral seguiu, demais, com elementos de sobra para satisfazer os mais exigentes.

Uma nota curiosa: Os camarotes da praça da Moita—como vulgarmente sucede em quasi todas as praças da provincia—não tem cadeiras, sendo os espectadores forçados ao sacrificio da condução d'aquele mobiliario, de suas casas, pelo que se torna curioso e interessante, á entrada e no final da corrida, vêr a fina flôr da terra, muito especialmente as senhoras, com os assentos em bolandas pelas ruas da vila...

ZEPEDRO

O popular cavaleiro José Casimiro, realisa hoje, ás 17,30, a sua festa artistica, no Campo Pequeno, com o seguinte

PROGRAMA

1.º Touro, para José Casimiro
2.º » » Alternativa de Julio Procopio
3.º » » Espada, Emilio Mendez
4.º » » Ricardo Teixeira
5.º » » M. Casimiro e J. Casimiro J.or

INTERVALO

6.º Touro, para José Casimiro
7.º » » Espada, Emilio Mendez
8.º » » M. Casimiro e J. Casimiro J.or
9.º » » Ricardo Teixeira
10.º » » Bandarilheiros

Este programa pode ser alterado por qualquer motivo imprevisto.

Xadrês

A correspondencia sobre esta secção póde ser dirigida a Pereira Machado, Gremio Literario, Rua Ivens, n.º 37

PROBLEMA N.º 25

Por W. von Holzhausen

Pretas (2)

Brancas (7)

As brancas jogam e dão mate em dois lances.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 23

1 P 5 C D / B + D — 2 R 5 B / ad libitum — 3 B mate

CONTINUAÇÃO

Tem havido quatro escolas bem distintas a alemã, a inglesa, a norte-americana e a boemia.

Como já notou o conhecido compositor espanhol José Paluzie y Lucena, em numerosas manifestações poeticas do jogo de xadrês aparecem ensaios assim como obras perfeitas que não podem ser classificadas em nenhuma das quatro escolas e começa a desenvolver-se uma nova escola cuja feição saliente consiste em agrupar numa só composição, pelo menos dois jogos principais de tal qualidade e caracter que cada um deles poderia servir de base á construção de um bom problema. Como é quasi impossivel alcançar originalidade do tema por causa do esgotamento das ideias novas procura-se a novidade no agrupamento dos temas.

Decifrações do numero passado:

Charada em verso: Cumprimento.
Charadas em frase: Amofinado—Demover.

CHARADA EM VERSO

A REI-FERA

Quasi inesperadamente
Compulsando o dicionario
Descobri, foi n'um repente,
Sou belo corpoferario.

Ao serão, cá no vilorio,—2
Fui muito felicitado.
Até houve foguetorio
E *speech* do delegado—1

Veio a musica p'ra a rua.
No dia seguinte um bôdo,
E, se isto assim continua,
Fico zaranza de todo.

REI MÓRA

CHARADAS EM FRASE

O melhor elemento do rio é este mamifero—1—2

Na lamina da espada, que comprámos em Viana, não pudémos lavrar uma frase, que nos recordasse, mais tarde, o bello passeio de barco dado no Lima—2—1.

PEDROSO, MADELEINE ET BAYART

INDICAÇÕES UTEIS

Toda a correspondencia relativa a esta secção deve ser endereçada ao seu director e enviada a esta redacção.

— Só se publicam enigmas e charadas em verso, charadas em frase, logogrifos e pitorescos, estes bem desenhados em papel liso e tinta da China.

— Os originais, quer sejam ou não publicados, não se restituem.

— É conferido o QUADRO DE HONRA a quem envie todas as decifrações exactas, entregues até cinco dias após a saída dos respectivos numeros.

Folhetim do «Domingo Ilustrado» N.º 6

CAPITULO III

NA PROVINCIA

No dia seguinte, os jornaes da terra, afirmavam que o meu talento era tão grande que não cabia dento do Teatro! Tentamos dar mais seis representações mas parámos a metade da primeira porque o publico embirrou em não comprar bilhetes e o que se tinha feito na bilheteira não dava para se comprar cebo para as cordas do pano de boca.

De Setubal fomos a Evora onde representámos as «Duas orfãs». O Alves como de costume, não sabia o papel e eu agradei tanto que a peça acabou antes do fim, porque o publico cançou-se de ver tanto talento junto e foi-se embora.

Partimos para Portalegre, mas o Henrique Alves que n'esse tempo era o cumulo da delicadeza, teve uma zaragata com o Teodoro Santos, chamaram-se nomes e a companhia acabou.

Deixamos as malas sem nada no interior ao dono Hotel, e viemos para Lisboa.

CAPITULO IV

NA REVISTA

Mal chegamos a capital, separei-me do Henrique Alves que sofria agora de ataques de ciumes quotidianos e, depois de visitar varias vezes uma minha amiga que tinha um escritorio de comissões e conta propria para os lados do Camões, liguei-me a um velhote brasileiro que me poz casa ao Intendente.

O homem queria levar-me para o Brasil porque, dizia ele, eu era tal qual a cara de uma tia d'ele que tinha morrido á nascença mas, apesar das joias e vestidos que me dava, resisti e, ás escondidas, continuava a procurar maneira de entrar para o teatro.

Uma tarde, quando descia o Chiado com a minha colega Sara Cunha, topei com o Henrique Alves que nos disse estar a ensaiar no São Luiz uma revista intitulada «A gaitinha de foles» e que se eu quizesse recordar o passado, me arranjaria um logar na companhia.

Aceitei, e dias depois, ensaiava-me o Henrique Santana, rabula «A bengala de volta», com que eu ia debutar na peça.

Com o dinheiro que me dava o meu protetor, distribuia vinho do Porto e pasteis a todos os colegas, fazia emprestimos a janqis dias de vista, dava vestidos com pouco uso, convidava para passeios de trem, de sorte que me tornei uma «muito boa rapariga» na boca de toda a gente.

Em vista d'isso, deram-me mais duas rabulas: a «2.ª mensageira» e o «Beijo repenicado».

Eu sentia que não estava á vontade dentro dos papeis e dizia isso ao emprezario, que era o Augusto Gomes, mas ele garantia que isso era o menos, que me rebolasse bem, que o resto era com ele e com isso tomei alento para me apresentar em publico.

Chegou a noite da primeira representação e com ela umas dores de barriga em tamanho natural, que eu quasi nem podia com elas!

Começou o primeiro quadro em que eu fazia a primeira rabula. Ao entrar, o Alvaro d'Almeida que fazia o «compere» disse-me que tivesse sangue frio.

Desafinei ao principio no meio e no fim, mas como tinha pernas bonitas, ninguem me disse nada.

No intervalo recebi a visita de muitos admiradores que me felicitaram calosamente. Fui apresentada ao Alberto Pessôa que me disse que eu era muito «pachóla» e, que se continuasse havia de ir longe, e o Armando Macedo afiançou que depois da Ilda Stichini eu era a melhor atriz portuguesa.

Ao entrar no segundo acto, tropecei e cahi, indo bater com a cara nas pernas da Tereza Gomes que fazia a «Rainha do Sabão Lilaz» e que me deu uma calcanhada dizendo:

—Então você cahiu?

O publico riu bastante com a minha entrada e quando retirei de scena tive uma ovação.

Vesti-me para a terceira rabula mas quando cheguei ao palco, ia lá fóra uma pateada que até fazia fumo! Senti um arrepio no osso iliaco e foi a muito custo que entrei para a scena.

Creio que a peça não acabou, e digo creio, por que só ás duas horas da madrugada dei por mim no posto da Cruz Vermelha. Alguns colegas estavam recebendo curativos e eu tinha uma nodoa negra n'um olho, em virtude de um choque sofrido com o tampo de uma cadeira.

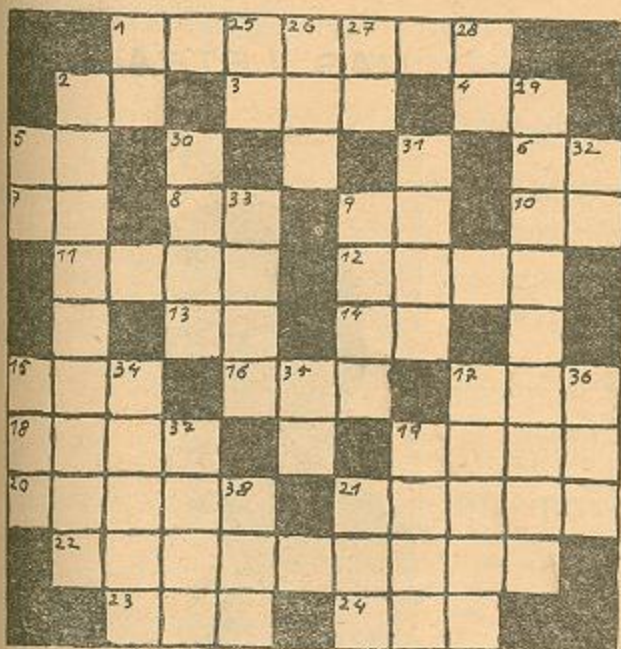
O Augusto Gomes andava como doido a acartar coristas para o escritorio e a prometer-lhes casas mobiladas, o Macedo e Brito limpava os oculos, o Henrique Santana gritava, o Henrique Alves entretinha-se a escrever o relato do acontecimento para o entregar na repartição competente, a Maria de Lourdes Cabral afiançava que em Ostende nunca se tinha dado aquele caso, (e dizia isso em francez para arreliar os indigenas). O Mergulhão chupava o cachimbo e dizia que era malandrice, o Luiz Salvador cofiava a perinha e metia-se pelos cantos a fingir que era neurastenico e todos atribuiam o desastre ao auctor que tinha fugido no começo do segundo acto.

Só consegui dormir ás seis da manhã, já porque estava combalida da comoção e da cadeira já porque o Henrique Alves deliberou representar uma tragedia de ciumes que acabou por eu o pôr na rua, prometendo ele uma vingança ruidosa.

(Continua)

Palavras crusadas

O PASSA-TEMPO DA MODA

Relação Explicativa

HORISONTALMENTE

1—na missa 2—letras de pai 3—patrão 4—tem 5—artigo 6—nota de musica 7—companhia portuguesa 8—andar 9—pronome 10—artigo 11—depois das ceifas 12—pedem 13—artigo 14—pedra 15—notas de musica 16—circulo 17—empregue 18—celebre general hespanhol 19—oficio 20—deitar agua 21—estrondos 22—aborrecer 23—letras eguais 24—imensidade.

VERTICALMENTE

1—andava 2—terei esperança 9—volume 15—letras de perola 17—clamar 19—nome de mulher 21—côr 25—onde estou 26—nome de mulher 27—preposição e artigo 28—interjeição 29—gigante 30—metal 31—feroz 32—artigo 33—medida de cereais 34—bandeira 35—nota de musica 36—letras de Ceres 37—para o hospital 38—morda.

Decifrações do numero anterior

HORIZONTALMENTE

1—mera 2—oral 2—lás 4—vc 5—ria 6—arte 7—ao 8—amas 9—anagrama 10—uma 11—rã 12—cama 13—orlar 14—trêdo 15—Agar 16—ri 17—Lea 18—fascismo 19—amar 20—rs 21—asno 22—oer 23—eo 24—gaz 25—mora 26—aras.

VERTICALMENTE

1—mar 3—lapa 4—vaga 8—amalgama 12—ct 17—liso 18—Faro 27—esta 28—arma 29—Lia 30—côr 31—asco 32—enumerar 33—Amadis 34—arrais 35—ar 36—aa 37—rr 38—Adão 39—iroz 40—cré 41—osga 42—mem 43—nas.

Os gritos da Costa do Castelo

CONTINUAÇÃO DA PAGINA 6

grande expressão de alegria imbecil, vibrava-lhe chicotadas impiedosas, abrindo sulcos de sangue no corpo da mulher que gritava horrivelmente!

De um salto encontro-me junto d'ele e apontando-lhe o revolver gritei:

—Está preso!

O doutor encarou-me primeiro com surpreza, depois teve um sorriso desdenhoso, atirou o chicote para o chão, e sentando-se, escondeu a cabeça entre as mãos. Corri para a mulher. Tinha o corpo desfeito em chagas. A carne aparecia rasgada em golpes profundos e, se posso admitir a frase, não era mais do que um «cadaver com vida». Desamarrei-a e sentei-a sobre a cama onde tombou desfalecida. Voltei-me e vi Dr. Luciano em pé na minha frente, hirto e palido como um morto, com a face cheia de lagrimas. Olhou-me e disse:

—A essa mulher dei o meu nome, a minha honra, a minha vida! Um dia atraiçoou-me, vilmente, torpemente! Deixou-me na mais amarga das dores, perdido para tudo! Encontrei-a depois, ha cinco anos! Recebi-a! E' minha esposa! Desde então todas as noites, da meia noite á uma hora, á hora que ela fez de mim um farrapo, chicoteio-a! Sou um criminoso, sei-o, mas foi ela que me matou!

—Queira acompanhar-me! Esta senhora precisa de urgentes socorros medicos!

—Um momento! Descance! Não fujo!—Voltou-se e sem que eu podesse intervir, tal foi a rapidez, levou aos labios um pequeno frasco que tirou do braço. Quando cheguei junto d'ele cahiu-me nos braços e, minutos depois, em meio de terriveis contorções, morria. Tinha ingerido uma forte dose de arsenico. Quando o transportaram para a Morgue, os ombros pareciam arcos, os olhos tinham estalado as orbitas, a boca torcia-se n'um gesto pavoroso.

—E a mulher?—perguntou o Dr. Freitas acendendo o terceiro cigarro.

—Conseguiu curar-se e restabeleceu-se... Pouco depois tinha o nome inscrito no livro negro do Governo Civil! E' uma desgraçada...

RESPOSTAS A CONSULTAS

ZUNCHA II.—Ideias simples, pouca vaidade, ordem e boa administração. Boa memoria, um pouco de timidez mas nada de parvoice. Sensualmente cerebral e comunicativo.

MIA MAY.—Vaidade, habitos de vida cara, reserva e retaimento de quando em quando. Espirito sublil e bastante religiosa.

PIERROT SONHADOR. — Impetuoso e exaltado. Principio de doença nervosa. Trato original, frase pronta para tudo, boa memoria, idialismo e paixão. Grande imaginação.

HUMBERTO.—Inteligencia clara mas lenta. Um pouco de pessimismo. Firmes resoluções e sensualidade cerebral. Alto conceito de si proprio sem vaidade exterior. Reservado mas não sempre, amor á leitura.

CASTA DIVA.—Caracter bondoso mas atreito a remoques... Bom gosto e fina inteligencia, vaidade e ordem. Espirito negociante.

PINA. — Caracter desigual e complicado, quasi anormal. Economia e diplomacia, ordem e pouca vaidade. Inteligencia e grande impaciencia, ataques de profunda neurastenia. Bom gosto e amor á musica. Grande sensualidade.

PAMPLINAS.—Inteligencia mediocre. Tenacidade, vaidade intima, recalcador de frases. Nervos de facil vibração, serva ditosa. tem a pretenção de que as mulheres lhe dispensam grande simpatia.

FERREIRA JUNIOR.—Ideias proprias e independentes, reserva e bom gosto artistico. (Em duas linhas nada mais se pode ver...)

MALMEQUER. — Força de vontade, bom gosto e originalidade. Afirmações rotundas, boa memoria e lealdade.

JUDEU ERRANTE.—Inteligencia sem directriz nem nexo. Sentimento da poesia, romanticismo, trato original. Otimismo, gosto artistico, generosidade e intuição em grande gráu. Complica-se a si proprio, grande sensualidade.

FREI JOÃO SEM CUIDADOS. — Veja a analise anterior.

BARÃO DO ALAMBIQUE.—Diplomacia e intuição, generosidade muito bem entendida. Distinção e descrença por grande experiencia. Boa memoria, ordem e trato amavel.

MONOCULO.—Ideias proprias, originaes e inconfessadas. Tenacidade, alto conceito de si proprio e delicadeza. Infinito religioso, orgulho de nome e sensualidade intermitente.

JOÃO CARLOS.—Originalidade e firme vontade com assomos de impaciencia. Gostos esteticos mas aborrecimento pela semitria. Frase viva e intuição. Um pouco de misticismo. Inteligente apaixonado, sensual e bondoso.

M. N. R.—Inteligencia, exaltação, gosta de frases obumbaras. Boa memoria, constancia, habilidade manual e distinção. Pouca vaidade, e otimista, porque tudo espera de alguem.

VALENTE. — Otimista impulsivo, vaidoso, infantil e reservado. Bons sentimentos mas um pouco brusco. Muita imaginação e inteligencia preguiçosa. Sensualidade forte. Mais generoso do que deseja ser.

JOSÉ.—Caracter incompreensivel—habilidade manual, sensualidade fortissima, intuição e ideias independentes. Força de vontade, generosidade bem entendida, e trato afavel.

JOAQUIM.—Nervos fortes e bem dominados, generosidade e bom gosto para tudo. Vaidade intima, bons sentimentos mas sem grandes demonstrações, sentimento de poesia e reserva. Lealdade e equilibrio moral.

FANY.—Inteligencia pouco cultivada, desordem e egoismo. Facilmente irritavel, mania dos nervos e vulgaridade.

PILAR. — Bom gosto e idialismo. Espirito religioso. Bôa memoria para aqueles que lhe fazem mal. Boa diplomata quando quer. Grande afeição á dança. Desconfiada, inteligente, reservada e, aparentemente... não tem vaidade.

CONCHA. — Vulgaridade, mania da imitação, muitos nervos, ordem, economia e vivacidade. Má memoria e mau gosto. (A caligrafia

LOBIGA. — Nervos indomaveis, talvez por doença, Inteligencia pouco cultivada mas de grande intuição. Alguma reserva e nenhuma vaidade. (a caligrafia é forçada por isso, de dificil analise).

C. F. C. — Equilibrio moral com boa força de vontade. Amigo do seu amigo e simples no trato. Perdoa tudo. Boa memoria, generoso sem exagero, um tanto idialista e poeta sem fazer versos.

M. M.—Orgulho e vaidade. Boa memoria e falta de inteligencia, sensual e apaixonado. Gosta de romances e frazes bonitas, ama a dança e a discução. Fala alto e muda de fato aos domingos.

GONÇALVES D'ALMEIDA.—Hipocrisia e pouca inteligencia. Desconfiança e mania de saber tudo. Vaidade intima. Agressividade e boa memoria. Espirito religioso e doença nervosa. Com inteligencia, seria um bom padre jesuita.

UM CURIOSO. — Caracter aberto e leal, não muito inteligente mas estudioso e constante. Generoso por intuição mas com bom juizo administrativo. Impulsivo, valente e dedicado. Simples e trabalhador. Poderia servir de modelo...

INCOGNITUS.—Orgulho de si proprio. Boa ingleza, por ser impessoal, não oferece grande analise.)

ANGELICA. — Vaidade, otimismo e inteligencia clara. Distinção, afabilidade, paciencia e amor á literatura. Grande predileção pela verdade, dedicação, sentimento e religiosa sem exagero. E' capaz de uma heroicidade. memoria e diplomacia. Religioso por convicção. Bom gosto e pessimismo. Ordem e economia. Reserva absoluta. Trato afavel e cultura da recordação. Sensualidade muito forte. De que mais gosta? De não fazer nada.

UM MARTIR DESTA VIDA. — Inteligencia intentiva, amor a todas as artes e em preferencia á pintura. Nervos fortes mas bem dominados, gosto á estetica sem semetria. Ordem com desordem. Tenacidade e pessimismo, generosidade e... doença hereditaria? Já alguma vez pensou que teria dado um bom general. Amigo de todos e pouco de si proprio. Forte sensualidade.

KANTOR.—Boa força de vontade com rajadas de impaciencia. Vaidade intima e nervos mal dominados, bom gosto e dedicação. Idealismo e grande imaginação. Temperamento mudavel e generosidade. Amor á verdade e reservado, Gosta da poesia em prosa...

A. F. B.—Espirito debil e exaltado, nervos vibrados á menor sensação. Dedicação e idealismo, Muito de creança e femeninamente vaidosa. Inteligencia desaproveitada. Bom gosto, generosidade, originalidade, distincção e pouco sentido pratico das cousas.

DEONILDO F. DOS SANTOS.—Peço-lhe a fineza de enviar maior numero de linhas escritas e bem assim alguns algarismos.

MISA A. (?).—Intuição, sagacidade, diplomacia, boa memoria e nervos fracos. Pouca vaidade, ordem, economia, inteligencia cultivada e egoismo.

XIMENES 1.º—Vontade firme mas por vezes impaciente. Boa inteligencia. Habitos de trabalho. Sensual e apaixonado, pessimista. Paucas ideias mas bem arrumadas, pouca vaidade e muito orgulho. Constancia e reserva. Ordem e nervos bem dominados. Afavel e expressivo. Administra-se bem.

VIOLETA BRANCA. — Inteligencia pouco cultivada. Temperamento docil e influenciavel. Ordem e economia, sentimento maternal, romanticismo sem exaltação. Nervos vibrateis. Acanhamento e constancia, lealdade e vida simples, pouca vaidade. Em resumo: Uma creatura adoravel nas suas qualidades mas é preciso «le soigné».

A DAMA ERRANTE

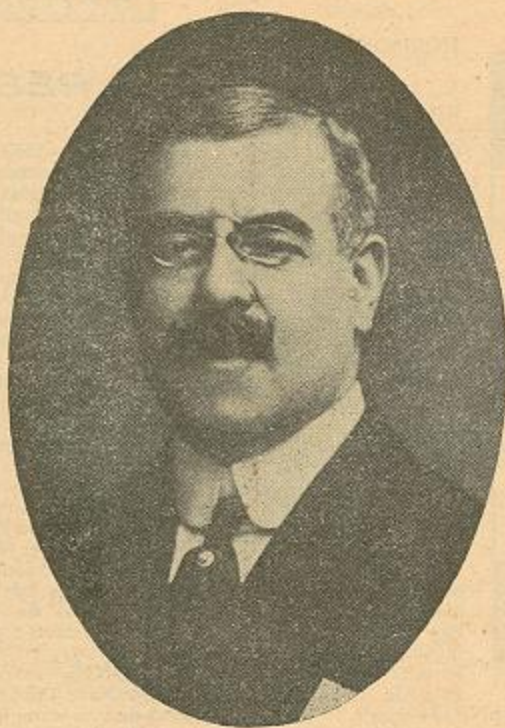
Quer saber o seu caracter? As suas qualidades e defeitos? Envie seis linhas manuscritas em papel não pautado, acompanhada de um escudo para—«A DAMA ERRANTE».

RUA D. PEDRO V, 18,—LISBOA

Actualidades gráficas

NA DIPLOMACIA

NO TEATRO

JOSÉ ALVES DA CUNHA, o eminente actor que vem de realisar uma bela tournée e será um dos grandes elementos da «Festa dos 3 jornais» que o «Domingo Ilustrado», a «Revista de Teatro» e «Os Sports» realisam no Teatro S. Luiz.

O DR. J. CARLOS DE MELO BARRETO, ILUSTRE MINISTRO DE PORTUGAL EM MADRID E CUJA NOTABILISSIMA ACÇÃO DE DIPLOMATA TEM CONQUISTADO PARA O NOSSO PAIZ OS MELHORES TRIUNFOS.

NAS LETRAS

CARLOS SELVAGEM, notavel dramaturgo e homem de letras, que acaba de lançar a 3.ª edição dum livro de exito enorme «Tropa d'Africa», que é um jornal de campanha dum voluntario do Niassa.

D. FUAS (Luiz da Cunha) o ilustre caricaturista que vem realisando no semanario humoristico do Porto, «Pim-Pam — Pum», uma bela série de originalissimos trabalhos.

ACTUALIDADES NO CINEMA

REGINE BONET, a formosa estrela francesa, protagonista da série de Xavier de Montépin «A Canção da Orfã».

CHARLES VANEL, o maravilhoso actor francês que em breve reaparecerá em Lisboa na super-série «A Mendiga de São Sulpicio», no Condes.

AS GENTILISSIMAS CREANÇAS, MARGARIDA, STELA E FREDERICO GUILHERME, FILHOS DO NOSSO AMIGO PEREIRA DE CARVALHO, NUM BELO AUTOMOVEL «BIGNAN» DE QUE É REPRESENTANTE SEU PAE.

MATOS SEQUEIRA, o notavel e erudito critico de Arte e de Historia que realisará na grandiosa «Festa dos 3 jornais» uma conferencia sobre «A Historia da Canção e da Cançoneta em Portugal», a qual será exemplificada pelas grandes vedetas da nossa scena.

PUBLICIDADE

T. N. Walter Bayard e outras; revolvers de diversas marcas. Espingardas Belgas, Inglezas e Alemãs dos melhores fabricantes. Munições e acessorios. Sortido colossal.

CASA A. Mt. SILVA

Rua da Betesga, 67
Rua dos Correeiros, 235, 237 e 239
Telefone 4178 N.
Desconto para revenda.

ENVIA-SE Á COBRANÇA PELO CORREIO.

DR. ANTONIO DE MENEZES
Ex-assistente do Instituto para creanças aleijadas em Berlim-Dahlem

ORTHOPEDIA

Rachitismo—Tuberculose dos ossos e articulações — Deformidades e paralysias em creanças e adulto;

ÁS 3 HORAS

AVENIDA DA LIBERDADE, 121, 1.º - LISBOA
TELEF. N. 908

GRANDE RESTAURANT
— DO —
Solar Alegria

ABERTO TODA A NOITE
SERVIÇO ESMERADO

56, Praça da Alegria, 56
LISBOA

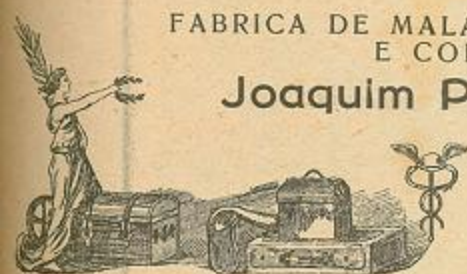
FABRICA DE MALAS, ARTIGOS DE VIAGEM E CORREARIA, DE

Joaquim Pereira Monteiro

11, PRAÇA JOSÉ FONTANA, 11-A
45, AVENIDA CASAL RIBEIRO, 47

Nesta casa fabricam-se toda a qualidade de malas, carteiras e bolsas para senhora.

Visitem os meus estabelecimentos

TELEFONE NORTE 5347

BREVEMENTE A

A Novela do DOMINGO

O melhor vinho de meza é o COLARES BURJACAS

AUTOMOVEIS

DEALAUNAY, BELLEVILLE E MATHIS

AGENTES GERAES PARA PORTUGAL E COLONIAS

GARAGE ANTUNES

P. RESTAURADORES, 24
LISBOA

Toda a especie de ACESSORIOS para
Automoveis e Camions

Não se iludam

Usem o conhecido e precioso sabonete **CRÉME CALDAS SANTAS**, de L'AGUIAR, descobridor e ex-concessionario da «Agua Caldas Santas», autor e proprietario de todas as formulas dos productos **CALDAS SANTAS** e **LUCY**. Frizar sempre a palavra **CRÉME** para não confundir com o sabonete **CALDAS SANTAS**, confusão que não se deseja. A venda em toda a parte.—Deposito geral: BRAZILIAN FLORA, Rocio, 93, 1.º—Telefone Norte **4829**.—Requisitem o livro descritivo scientifico.

PASTA DENTIFRICA **CALDAS SANTAS**

SAPATARIA CAMONEANA

CALÇADO DE LUXO

FABRICO MANUAL. QUALIDADE IRREPREENSIVEL.

VISITEM O NOSSO ESTABELECIMENTO

R. CONDE REDONDO, 1-A, 1-B
(AO BAIRRO CAMÕES)

OS APARELHOS FOTOGRAFICOS
"CONTESSA NETTEL"
CONTINUAM A BATER O RECORD DA PERFEIÇÃO.

GARCEZ, L.DA
Rua Garrett, 88

TRABALHOS PARA AMADORES

O DOMINGO
ILUSTRADO
Aceita agentes em toda a parte onde os não haja

BANCO NACIONAL ULTRAMARINO

SOCIEDADE ANONIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

BANCO EMISSOR DAS COLONIAS

SÉDE:—LISBOA, RUA DO COMERCIO
AGENCIA:—LISBOA, CAES DO SODRÉ

CAPITAL SOCIAL	CAPITAL REALISADO	RESERVAS
ESC. 48:000.000$00	ESC. 24:000.000$00	ESC. 84:000.000$00

FILIAIS E AGENCIAS NO CONTINENTE:—Aveiro, Barcelos, Beja, Braga, Bragança, Castelo Branco, Chaves, Coimbra, Covilhã, Elvas, Evora, Extremoz, Famalicão, Faro, Figueira da Foz, Guarda, Guimarães, Lamego, Leiria, Olhão, Ovar, Penafiel, Portalegre, Portimão, Porto, Regoa, Santarem, Setubal, Silves, Tomar, Torres Vedras, Viana do Castelo, Vila Real Traz-os-Montes, Vila Real de Santo Antonio e Vizeu.

FILIAIS NAS COLONIAS:

AFRICA OCIDENTAL:—S. Vicente de Cabo Verde, S. Tiago de Cabo Verde, Loanda, Bissau, Bolama, Kinshassa (Congo Belga), S. Tomé, Principe, Cabinda, Malange, Novo Redondo, Lobito, Benguela, Vila Silva Porto, Mossamedes e Lubango.

AFRICA ORIENTAL:—Beira, Lourenço Marques, Inhambane, Chinde, Tete, Quelimane Moçambique e Ibo.

INDIA:—Nova Gôa, Mormugão, Bombaim (India inglesa).

CHINA:—Macau.

TIMOR:—Dilly.

FILIAIS NO BRASIL:—Rio de Janeiro, S. Paulo, Pernambuco, Pará e Manaus.

FILIAIS NA EUROPA:—LONDRES 9 Bishopsgate E—PARIS 8 Rue du Helder.

AGENCIA NOS ESTADOS UNIDOS:—New York, 93 Liberty Street.

OPERAÇÕES BANCARIAS DE TODA A ESPECIE NO CONTINENTE, ILHAS ADJACENTES, COLONIAS, BRAZIL E RESTANTES PAIZES ESTRANGEIROS

A MAIOR TIRAGEM DE TODOS OS SEMANARIOS PORTUGUESES

O DOMINGO ilustrado

ASSINATURAS
CONTINENTE E HESPANHA
ANO - 48 ESCUDOS -
SEMESTRE - 24 ESC. -
TRIMESTRE - 12 ESC. -

ASSINATURAS
COLONIAS
ANO, 52$20 - SEMESTRE, 26$10
ESTRANGEIRO
ANO, 64$64 - SEMESTRE, 32$32

NÃO FAZ CAMPANHAS ~ PUBLICA TODA A RECLAMAÇÃO JUSTA ~ NÃO TEM POLITICA

O unico grande triunfo do IV Salão Automovel

Estando aberto o IV Salão Automovel no Colyseu dos Recreios, não queremos deixar de aproveitar a oportunidade de mostrarmos aos nossos leitores um curioso exemplar **CITROËN**, dos que está atravessando, com pleno exito, a Africa de Norte a Sul.